v.4, n.8, 2024



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

ANÁLISE DAS BARREIRAS QUE INFLUENCIAM NA TRANSFORMAÇÃO DO AGRICULTOR DO SECTOR FAMILIAR EM EMPREENDEDOR RURAL NO CONTEXTO MOÇAMBICANO

ANALYSIS OF THE BARRIERS THAT INFLUENCE THE TRANSFORMATION OF THE FAMILY FARMER INTO A RURAL ENTREPRENEUR IN THE MOZAMBICAN CONTEXT

ANÁLISIS DE LAS BARRERAS QUE INFLUYEN EN LA TRANSFORMACIÓN DEL AGRICULTOR FAMILIAR EN EMPRESARIO RURAL EN EL CONTEXTO MOZAMBIQUEÑO

Dalmildo Agostinho Máquina[1], Acácio Martins Têmpora Uabure[2], Cristina José Manhiça[3], Judite Lobo Chibona[4], Tomas Augusto Armando[5], Delfina Daniel Namuhessa[6], Arminda Alberto Perreira[7]

e48202
https://doi.org/10.63026/acertte.v4i8.202

PUBLICADO: 10/2024

RESUMO

O fortalecimento da agricultura familiar tem importância na redução do êxodo rural. Portanto, há necessidade de desenvolver uma visão empreendedora por parte dos habitantes rurais. Assim, a pesquisa objectiva analisar as barreiras que influenciam na transformação do agricultor do sector familiar em empreendedor rural no Posto Administrativo de Ocua, distrito de Chiúre em Moçambique. Para a colecta de dados consistiu em entrevistas semiestruturada nas comunidades de Ocua Sede, Mahipa e Samora Machel distribuídos em um número de 35, 33 e 37 entrevistados respectivamente. A base de dados foi organizada em uma planilha no Microsoft Excel. Depois importados para o Software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences) versão 25,* para realizar as análises estatísticas e obter os resultados. Os resultados mostraram que os principais factores da não transformação dos agricultores familiares em empreendedores rurais na categoria "Indivíduo" foi a falta de persistência (88.6%), falta de busca de informações (83.8%), falta de busca de iniciativas e oportunidades (80%), aversão ao risco (69.5%) e fraco poder de persuasão (66.7%). Para a categoria "Ambiente", foram a falta de treinamento em negócio (92.4%), indisponibilidade financeira (89.5%), falta de apoio do Governo (73.3%) e baixa qualidade de estradas (61.9%). Na categoria "Processo" foram a falta de segurança quando percebem oportunidades (86.7%) e falta de educação formal (81.9%). Apesar dos entrevistados afirmarem possuírem a persistência, paciência e a procurarem de informação como principais estratégias para superar barreiras enfrentadas, os mesmos não o fazem conforme se evidencia na categoria Indivíduo.

PALAVRAS-CHAVES: Empreendedorismo. Comunidade rural. Agricultor familiar.

ABSTRACT

The strengthening of family farming is important in reducing the rural exodus. Therefore, there is a need to develop an entrepreneurial vision on the part of rural inhabitants. Thus, the research aims to analyze the barriers that influence the transformation of the farmer from the family sector into a rural entrepreneur in the Administrative Post of Ocua, Chiúre district in Mozambique. Data collection consisted of semi-structured interviews in the communities of Ocua Sede, Mahipa, and Samora Machel

[1] Engenheiro Florestal; Docente da Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.
[2] Licenciado em Ensino de Química; Mestrando em Segurança Alimentar e Nutricional em Contexto de Mudanças Climáticas pela Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.
[3] Licenciada em Gestão Ambiental; Mestranda em Segurança Alimentar e Nutricional em Contexto de Mudanças Climáticas pela Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.
[4] Licenciada em Nutrição; Mestranda em Segurança Alimentar e Nutricional em Contexto de Mudanças Climáticas pela Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.
[5] Licenciado em Educação Física e Desporto; Mestrando em Segurança Alimentar e Nutricional em Contexto de Mudanças Climáticas pela Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.
[6] Licenciada em Ensino de Química; Mestranda em Segurança Alimentar e Nutricional em Contexto de Mudanças Climáticas pela Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.
[7] Licenciada em Ciências Alimentares; Mestrando em Segurança Alimentar e Nutricional em Contexto de Mudanças Climáticas pela Universidade Rovuma, Faculdade de Ciências Alimentares e Agrárias, Moçambique.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

distributed in several 35, 33, and 37 interviewees respectively. The database was organized in a Microsoft Excel spreadsheet. They were then imported into the SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) version 25 software, to perform statistical analyses and obtain the results. The results showed that the main factors for the non-transformation of family farmers into rural entrepreneurs in the "Individual" category were lack of persistence (88.6%), lack of search for information (83.8%), lack of search for initiatives and opportunities (80%), risk aversion (69.5%) and weak power of persuasion (66.7%). For the "Environment" category, they were lack of business training (92.4%), financial unavailability (89.5%), lack of government support (73.3%) and poor road quality (61.9%). In the "Process" category, they were a lack of security when they perceived opportunities (86.7%) and a lack of formal education (81.9%). Although the interviewees affirm that they have persistence, patience, and the search for information as the main strategies to overcome barriers faced, they do not do so as evidenced in the Individual category.

***KEYWORDS**: Entrepreneurship. Rural community. Family farmer.*

RESUMEN
El fortalecimiento de la agricultura familiar es crucial para reducir el éxodo rural, por lo que es necesario fomentar una visión emprendedora en los habitantes de áreas rurales. Este estudio tiene como objetivo analizar las barreras que impiden la transformación de agricultores familiares en emprendedores en el Puesto Administrativo de Ocua, distrito de Chiúre, Mozambique. La recolección de datos se llevó a cabo mediante entrevistas semiestructuradas en las comunidades de Ocua Sede, Mahipa y Samora Machel, con 35, 33 y 37 participantes, respectivamente. Los datos fueron organizados en una hoja de cálculo de Microsoft Excel y analizados en SPSS (versión 25). Los resultados revelaron que los principales factores que dificultan la transformación de agricultores en empresarios rurales en la categoría "Individual" incluyen la falta de persistencia (88,6%), búsqueda de información (83,8%) y oportunidades (80%), además de la aversión al riesgo (69,5%) y un débil poder de persuasión (66,7%). En el ámbito del "Medio ambiente", se destacaron la falta de capacitación empresarial (92,4%), la falta de financiamiento (89,5%), el escaso apoyo gubernamental (73,3%) y la mala calidad de las carreteras (61,9%). En cuanto al "Proceso", la falta de seguridad ante oportunidades (86,7%) y la escasa educación formal (81,9%) fueron significativas. Aunque los entrevistados mencionan tener persistencia y búsqueda de información, estas cualidades no se traducen en acciones efectivas.

***PALABRAS CLAVE**: Emprendimiento. Comunidad rural. Agricultor familiar.*

1 INTRODUÇÃO

Em Moçambique, a pobreza é um fenómeno generalizado, mas predominantemente rural (CARILHO *et al.,* 2005; NORFOLK e HANLON, 2012). Na tentativa de reverter esta situação, implementam-se acções de política e estratégias em prol do crescimento económico privilegiando a agricultura e desenvolvimento rural como um dos pilares estratégicos (JONE e UAIENE, 2014).

A agricultura familiar em Moçambique constitui a actividade económica (SITOE, 2005), cerca de 80% da população, em torno de 29 milhões de habitantes vivendo no meio rural e ocupando-se basicamente dela (MINAG, 2010; SAMPANHA e FREI, 2017). Ela representa em termos económicos, cerca 25% do Produto Interno Bruto (PIB) e 80% das exportações, emprega cerca de dois terços (2/3) da força laboral, ocupando cerca de 80% da população activa do país (DEVESSE, 2015).

O fortalecimento da agricultura familiar tem grande importância na redução do êxodo rural, pois cria condições e oportunidades de trabalho através de diversificados sistemas de produção (FAUTH, 2006; FERREIRA *et al.,* 2014). Portanto, há necessidade de desenvolver uma visão mais



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

empreendedora por parte dos habitantes rurais, como forma de garantir sua permanência no campo com dignidade e qualidade de vida (LOURENZANI, 2006).

O Empreendedorismo Rural é visto de várias maneiras, especialmente como empreendedores que praticam actividades agrícolas de cultivo ou de criação de animais que gerem fonte de renda na perspectiva de gestão e desenvolvimento do sector agrícola (HENRY e McELWEE, 2014). De acordo com Lee e Phan (2008) as dificuldades para o avanço do empreendedorismo rural são: as infra-estruturas, transportes, telecomunicações, distâncias geográficas, falta de capital humano, comprometendo escalas eficientes de produção e o ciclo empreendedor.

O distrito de Chiúre, encontra-se abrangida por esta realidade, apesar de possui condições favoráveis para produção agro-pecuária pouco se sabe sobre as competências empreendedoras no sector rural bem como seus factores para a prática de empreendedorismo. Assim, este estudo pretende responder o seguinte questionamento: *"por que alguns agricultores do sector familiar não conseguem substituir a produção de subsistência para se tornar empreendedor rural?"* O objectivo desta pesquisa é analisar as barreiras que influenciam na transformação do Agricultor do sector familiar em Empreendedor Rural no Posto Administrativo de Ocua, Distrito de Chiúre, Norte de Moçambique.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi efectuado no Posto Administrativo de Ocua (PAO), situado no distrito de Chiúre, parte sul da província de Cabo Delgado em Moçambique. Limitado a Norte com o distrito de Ancuabe, a Sul com a província de Nampula através do rio Lúrio a Este com distrito de Mecufi e a Oeste com os distritos de Namuno e Montepuez. O distrito de Chiúre tem uma superfície de 5.320 km^2 e uma população estimada em 208.834 habitantes (MAE, 2005). O Posto Administrativo de Ocua em particular possui uma população estimada de 59681 e 14921 agregados.

A colecta dos dados foi realizada nas comunidades de Ocua Sede, Mahipa e Samora Machel distribuídos em um número de 35, 33 e 37 entrevistados respectivamente. Usou-se uma amostragem não probabilística por conveniência para os agricultores familiares (AF). Na óptica de Gil (1999) amostragem não probabilística por conveniência é aquela em que o pesquisador tem a possibilidade de seleccionar os elementos que julgar suficientes para suportar o estudo, ou seja, pessoas que de alguma forma representam o universo. Este tipo amostragem não faz uma selecção aleatória (MARCONI e LAKATOS, 2010).

A Pesquisa consistiu em entrevistas semiestruturada por se verificar como mais apropriado para o alcance dos objectivos da pesquisa e por se considerar a exposição oral do entrevistado. A Entrevista semiestruturada é uma das principais ferramentas usadas em diagnósticos rurais, embora a entrevista não seja a técnica mais fácil de ser aplicada, é a forma mais eficiente para a obtenção de informações, conhecimentos ou opiniões sobre um determinado assunto (MANZATO, 2012).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Foram usadas variáveis relevantes ao processo de empreender em categorias temáticas segundo o modelo de Gartner (1985) que considera, em termos de empreendedorismo quatro grandes perspectivas na criação de um novo negócio: (a) Indivíduo; (b) Organização; (c) Ambiente; e (d) Processo de criação de um novo empreendimento. Para o estudo, considerou-se apenas três categorias deste modelo conforme a metodologia adoptada por Lima (2010) e Tomei e Souza (2014): (a) indivíduo; (c) ambiente e (d) processo de criação de um novo empreendimento. A categoria (b) organização não foi abordada, já que as variáveis apontadas pelo autor pouco se relacionam com a agricultura familiar (AF) e o empreendedorismo rural (ER).

Tabela 1. Categorias temáticas seleccionadas para a pesquisa

CATEGORIA	VARIÁVIÁVEIS
INDIVÍDUO (pessoa envolvida na criação do novo empreendimento)	Características comportamentais tais como Autoconfiança, condições de vida, persistência, necessidade de crescer, busca de informações, exigência de qualidade, comprometimento, alto nível de energia, necessidade de realização, poder de persuasão, capacidade de liderança, busca por inovação e optimismo como insumos para os empreendedores.
AMBIENTE (Situação ao redor e sua influência na nova organização)	Presença de empreendedores experientes e a existência de uma força de trabalho tecnicamente habilitada, exemplo das experiências de terceiros, base industrial, a disponibilidade de recursos financeiros e o papel do Governo como insumos para os empreendedores.
PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UM NOVO EMPREENDIMENTO (acções realizadas pelo indivíduo)	Compreensão do desenvolvimento rural como um processo que exige o conhecimento do público que se pretende atingir, sua capacidade em perceber uma oportunidade de negócio, de utilizar o apoio dos amigos, da família e a educação formal como insumos para os empreendedores.

Fonte: Os Autores (2024), adaptado de Lima (2010) e Tomei e Souza (2014)

Para análise de dados realizou-se a coincidência de padrões que consistiu na codificação dos dados recolhidos, junção de respostas similares, explicação das diferenças entre as respostas das perguntas e foram tiradas as conclusões relevantes das respostas obtidas nas três comunidades em estudo. A base de dados foi organizada em uma planilha do Microsoft Excel. Após, os dados foram importados para o Software SPSS *(Statistical Package for the Social Sciences),* Versão 25.o para realizar as análises estatísticas (estatística descritiva) e obter os resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CARACTERIZAÇÕES SOCIOECONÓMICAS DOS ENTREVISTADOS

Foram realizadas 105 entrevistas a agricultores familiar dos quais 59% são homens e 41% mulheres. Existe uma variação entre a idade dos entrevistados, pois 46% dos respondentes possuem idade compreendidas entre 31 e 50 anos, 43% estão na faixa dos 18 a 30 anos, e apenas 11% entrevistados na faixa etária superior a 50 anos. Quanto a escolaridade dos entrevistados, observou-



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

se que 62% dos agricultores familiares têm o nível primário tendo a maioria frequentado até a sétima classe, cerca de 26% não sabem ler nem escrever e comunicar com língua português, os restantes 12% frequentaram o nível secundário.

Quanto às actividades de subsistência, a agricultura ocupa o primeiro lugar, sendo praticada por mais de 90% dos indivíduos entrevistados e poucas pessoas estão envolvidas nas actividades comerciais (cerca de 10%) o que revela grande dependência da população na actividade agrícola. Quanto ao destino da produção agro- pecuária, o sustento/consumo ocupa o primeiro lugar, sendo mencionada por cerca de 78.1% dos indivíduos entrevistados e os restantes 21.9% praticam a comercialização e consumem os seus produtos provenientes da prática agro-pecuária, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2. Caracterização dos respondentes

Categoria	Frequência	Percentagem
GÉNERO		
Homens	62	59%
Mulheres	43	41%
FAIXA ETÁRIA		
18 à 30 anos	45	43%
De 31 à 50 anos	48	46%
Mais de 50 anos	12	11%
ESCOLARIDADE		
Sem Nível	27	12.4%
Nível Primário	65	61.9%
Nível Secundário	13	25.7%
DESTINO DA PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA		
Consumo	82	78.1%
Comercialização	0	-------
Consumo e Comercialização	23	21.9%

Fonte: Os Autores (2024) a partir de dados da pesquisa.

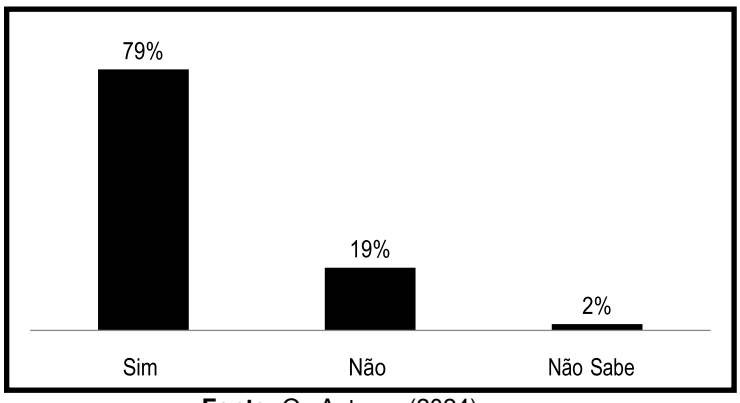
3.2 TRANSFORMAÇÃO DO AGRICULTOR FAMILIAR EM EMPREENDEDOR

De acordo com os dados fornecidos pelos entrevistados das três comunidades do Posto Administrativo de Ocua, constatou-se que maior parte dos agricultores familiares 79% têm desejo de poderem sair do agricultor familiar (AF) para empreendedor. Cerca de 19% dos entrevistados afirmaram não terem a necessidade de transformarem-se em empreendedores, os restantes 2% não saberem se pretendem ou não transformarem- se em empreendedores rurais conforme ilustra a figura abaixo (Figura 1).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Figura 1: Representação Gráfica da Preferência do AF transformar-se em ER



Fonte: Os Autores (2024)

De acordo com Fauth (2006) a cada quatro pessoas pobres em países em desenvolvimento, três situam-se em zonas rurais e dependem directa ou indirectamente da agricultura. Essas pessoas, devidos as suas características psicossociais, culturais e comportamentais pouco empreendedoras, muitas vezes têm dificuldades de deixar de conviver com processos tradicionais de trabalho, afectando a sua produtividade e o desenvolvimento económico e social (Ozgen & Minsky, 2007). Para Kotzko (2018).

Há uma série de posicionamentos que o produtor rural necessita estar atento para manter-se no cenário competitivo, como por exemplo, os investimentos em novos produtos, tecnologias e processos. A partir disso, na agricultura familiar o agricultor necessita gerir sua propriedade de maneira eficiente, possuindo estratégias de financiamento e comercialização bem definidas para que possa gerar desenvolvimento para a propriedade (Azevedo *et al.*, 2000).

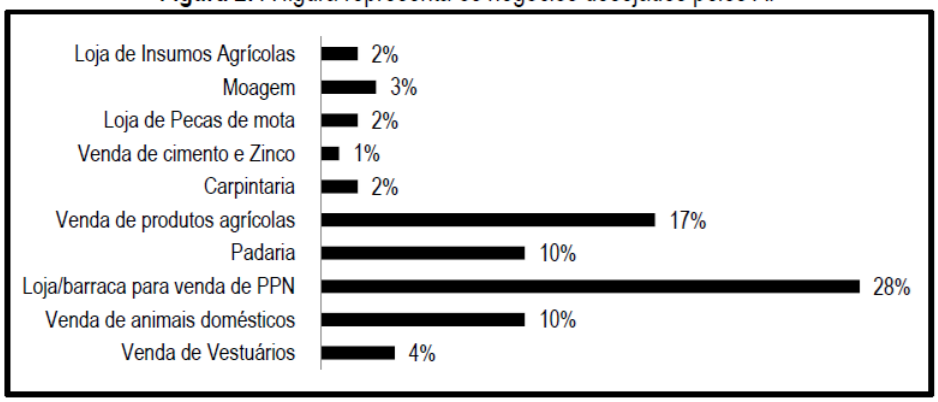
3.3 TIPOS DE NEGÓCIO PRETENDIDOS PELOS AGRICULTORES FAMILIAR

Dos 79% que preferem transformar-se do agricultor familiar para empreendedor rural, cerca de 28% desejam abrir lojas/barracas para venda de venda de diversos Produtos de Primeira Necessidade (PPN), 17% preferem a venda de produtos agrícolas, 10% venda de animais domésticos e 10% estabelecimento de padaria (venda de pães) de acordo com a figura abaixo (Figura 2).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Figura 2: A figura representa os negócios desejados pelos AF



Fonte: Os Autores (2024)

Foi possível notar pelos negócios mencionados pelos Agricultores Familiares a relação entre os seus desejos e a principal actividade por elas praticada, isto é, a relação entre os negócios por eles pretendidos e a prática de agricultura. De acordo com Caumo e Staduto (2014), o desenvolvimento rural está associado às estratégias de sobrevivência adoptadas pelos proprietários rurais com o uso da diversificação, que se dá por meio da possibilidade dos agricultores familiares cultivarem, além de exercerem outras actividades económicas e sociais que garantam as condições de vida, o desenvolvimento rural e a redução da pobreza na área rural.

Por outro lado, constatou-se como os negócios menos preferidos os seguintes: venda de vestuários (4%), Instalação de uma indústria moageira (3%), abertura de loja para venda de peças de motorizadas (2%), abertura de loja para venda de insumos agrícolas (2%), e por último a venda de chapas zinco e cimento (1%). A pouca preferência de os agricultores familiares empreenderem nesses negócios está relacionado pelo facto dos mesmos necessitarem de valores monetários avultados para o seu início, para além disso, os mesmos mencionam que para a aquisição dos produtos em causa (peças de motorizadas, zinco, cimento, industria moageira, e vestuários) tem sido um processo, uma vez que são adquiridos em locais distantes (na vizinha Província de Nampula e outros casos provenientes de outros países como é o caso da Tanzânia).

3.4 BARREIRAS QUE INFLUENCIAM A TRANSFORMAÇÃO DO AGRICULTOR FAMILIAR EM EMPREENDEDOR RURAL

Para responder à questão base da pesquisa na visão dos Agricultores do Sector Familiar que participaram da pesquisa, um dos tópicos que o questionário tentou listar foi sobre as principais barreiras que influenciam os agricultores familiares para transformarem-se em empreendedor rural. Os resultados obtidos pelos entrevistados estão apresentados nas figuras abaixo (Figuras 3, 4 e 5).

REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

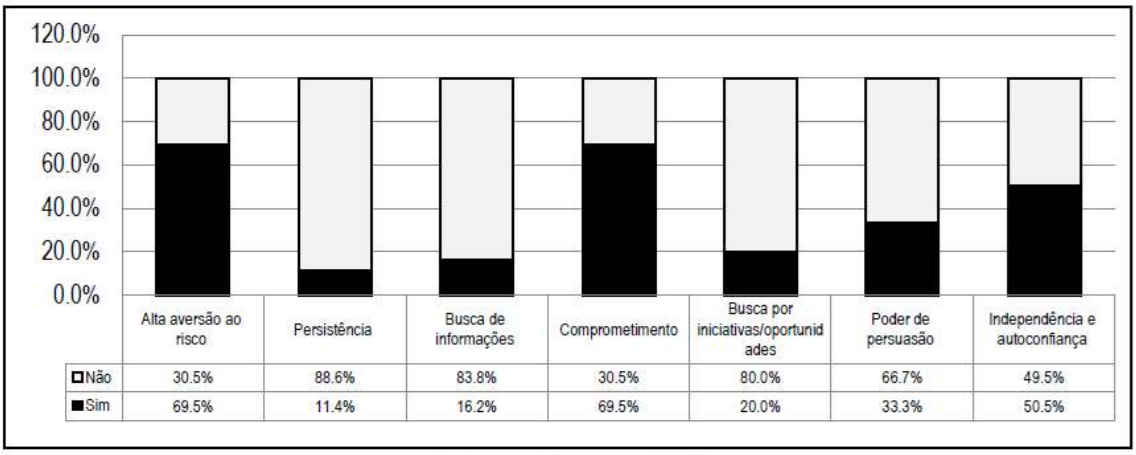
3.5 CATEGORIA "INDIVÍDUO"

A figura abaixo (Figura 3) apresenta a análise dos factores da transformação dos agricultores familiares em Empreendedor Rural segundo suas características comportamentais, isto é, pessoa envolvida na criação de um novo empreendimento (categoria: indivíduo).

Portanto, é possível observar na figura abaixo (figura 3) que os principais factores da categoria "Individuo" que dificultam a transformação do Agricultor familiar em empreendedor rural são: (a) a não persistência em 88.6%;

(b) falta de busca de Informações em 83.8%; (c) falta de Iniciativas/oportunidades em 80%; (d) alta aversão ao risco em 69.5%; e (e) fraco poder de persuasão em 66.7%.

Figura 3: Apresentação de factores que dificultam da transformação do AF em ER na categoria **"Individuo"**



	Alta aversão ao risco	Persistência	Busca de informações	Comprometimento	Busca por iniciativas/oportunidades	Poder de persuasão	Independência e autoconfiança
Não	30.5%	88.6%	83.8%	30.5%	80.0%	66.7%	49.5%
Sim	69.5%	11.4%	16.2%	69.5%	20.0%	33.3%	50.5%

Fonte: Os Autores (2024)

Portanto, foi possível observar os principais factores na categoria "Individuo" que dificultam na transformação do Agricultor familiar em empreendedor as seguintes: (a) Persistência em que os entrevistados não agem para ultrapassar obstáculos quando eles se apresentam; (b) Busca de Informações no que diz respeito falta busca de informações por tarte dos agricultores familiares sobretudo no que pode ser melhor para a sua vida e para o seu negócio; (c) Busca de Iniciativas/oportunidades onde os entrevistados assumem não estarem atentos às oportunidades que a vida lhe apresenta e que, por outras vezes não têm a vontade de agarrá-las; (d) Alta aversão ao risco relacionada a resistência dos agricultores familiares em aceitar um negócio com um retorno incerto; e (e) Poder de persuasão relacionada a falta de capacidade de influenciar as pessoas nem de negociar.

Conforme Hisrich e Peters (2002), o empreendedorismo tem como principal característica, a capacidade de identificar oportunidades e inventar algo inovador diante de situações de incerteza, adoptando os riscos envolvidos na tomada de decisões. Persistência e visão de futuro abrangem a metodologia do empreendedorismo que faz com que esse profissional veja um novo método de realizar

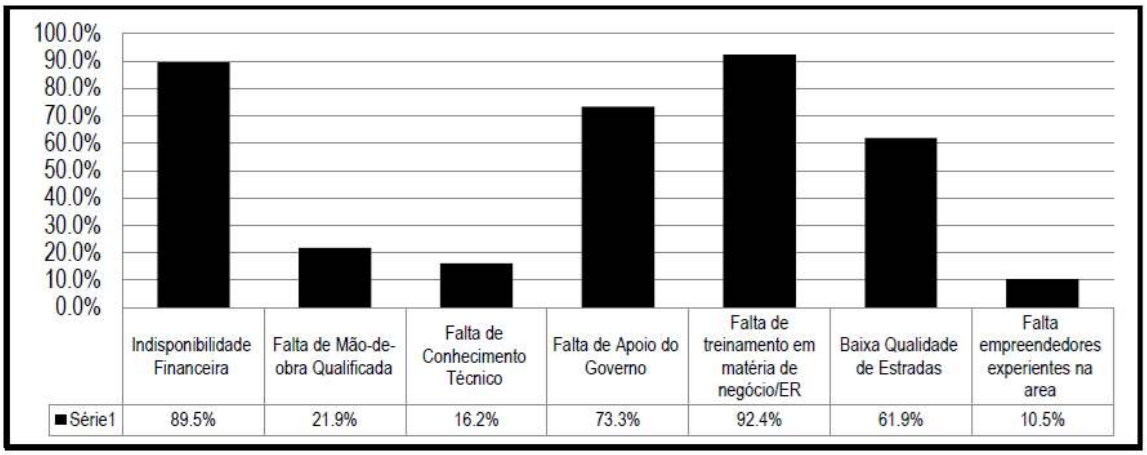
tarefas, um novo produto, serviço ou actividade, ou também a ideia de um novo empreendimento. Na visão de Filion (1997), características como autoconfiança, busca de informações, comprometimento, e optimismo são importantes para os empreendedores.

Sobre competência "Não Persistência" apurada por esta pesquisa em maior intensidade, Da Rocha *et al.,* (2010) salientam ser um factor de ampla discussão, porém, possui suas fontes iniciais na educação, na convivência familiar e na interacção com diversos factores que o fazem desenvolver tal habilidade. Já Godoy (2007), explana que quando se remete ao sector rural, a persistência se relaciona com a vontade que o agricultor do sector familiar possui em continuar no campo, mesmo diante de constantes mudanças e modernizações, mas que o incitam a procurar constantemente maneiras de adaptação às novas formas de produzir.

3.6 CATEGORIA "AMBIENTE"

A figura a seguir (Figura 4) apresenta a análise da categoria "Ambiente" (situação ao redor e sua influência no novo empreendimento) dos Agricultores Familiares relacionados. Para a categoria "Ambiente", foram apontadas como os principais factores que dificultam a transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor rural as seguintes: falta de treinamento em matérias de Negócio/Empreendedorismo Rural com uma proporção de 92.4%; indisponibilidade financeira em 89.5%; falta de apoio do Governo em 73.3% e por último a baixa qualidade de estradas ocupando uma proporção de 61.9%.

Figura 4: Apresentação de Factores que dificultam da transformação do AF em ER na categoria **"Ambiente"**



Fonte: Os Autores (2024)

De acordo com os Agricultores familiares, os treinamentos e capacitações que mais recebem em suas comunidades estão relacionados principalmente a práticas agro-pecuárias, saúde, nalgumas vezes sobre a qualidade dos produtos a comercializar e raramente sobre Agronegócio (negócios



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

agrícolas) e Empreendedorismo no meio Rural (DOS SANTOS, 2021). Para Peixoto (2009), um bom treinamento ou orientação do indivíduo, nesta fase, é importante para a garantia do sucesso.

A razão da "Indisponibilidade financeira" como a segunda que mais dificultam a transformação do Agricultor Familiar (AF) em Empreendedor Rural (ER), foram citadas em outras partes dos discursos, como o "crédito", "financiamento" "produtos caros" e o "alto custo de "produção" que os autores acreditam estarem agrupados em uma mesma classe de dificuldades para o AF, se revelando como a principal queixa, ou seja, de ordem financeira.

Independente do investimento realizado para o financiamento de novos empreendimentos, os autores Fortunato e Alter (2016) atribuem grande importância à capacidade dos atores locais gerarem uma cultura local que abrace e reconheça os empreendedores e dessa forma, gere programas de apoio ao empreendedorismo e à educação para o empreendedorismo. A falta de acesso a capital em um ambiente rural, também representa uma barreira quando limita o empreendedor a ter acesso a crédito, agências governamentais, redes, instituições educacionais e consultores de negócios (Jagoda *et al.,* 2016).

O empreendedorismo nas áreas rurais também conta com o apoio de programas de desenvolvimento e financiamento governamental, que visam capacitar agricultores promovendo o desenvolvimento da económica do local (Ellis & Bosworth, 2015). Esta situação remete à análise feita por Abramovay (2003) que reconhece a importância dos financiamentos governamentais, mas enfatiza que é preciso considerar a qualidade dos projectos apresentados, e não apenas levar em conta o julgamento das necessidades sociais das localidades e comunidades que os apresentam.

Além do apoio dos programas governamentais, outro aspecto que facilita o desenvolvimento do empreendedorismo no contexto rural, é a utilização do saber local (conhecimento local), que direcciona a criação de negócios focados nos recursos endógenos (recursos e matérias-primas locais), direccionados às necessidades das populações agrícolas (Henry & McElwee, 2014; Tibério, 2016). Empreender não é uma tarefa fácil: entre as maiores dificuldades estão a falta de "políticas governamentais e programas", "apoio financeiro", "contexto político e crise económica" entre outros (GEM, 2017).

3.7 CATEGORIA "PROCESSO"

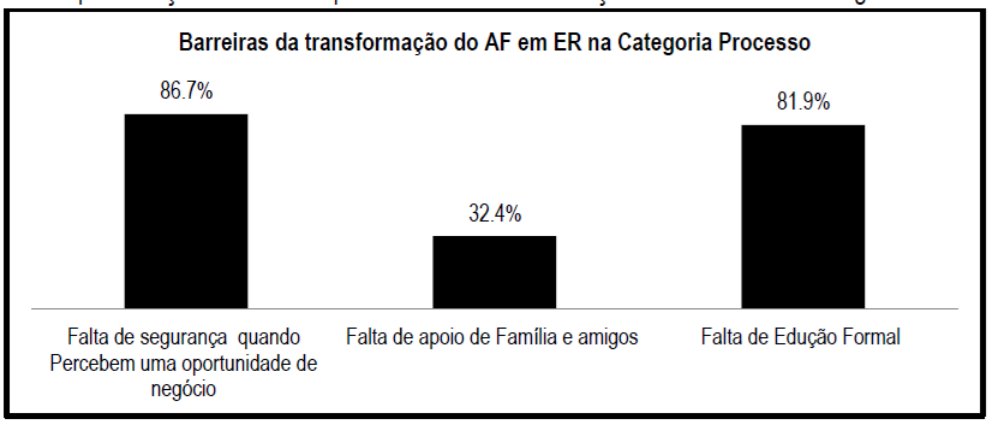
A figura a seguir (Figura 5) apresenta a análise da categoria "Processo" dos Agricultores Familiares relacionados.

Na categoria "Processo" foram constatados como os principais factores que dificultam que o AF se transforme em ER as seguintes: Falta de segurança quando percebem uma oportunidade sendo mencionada por cerca de 86.7% dos 105 entrevistados e falta de educação formal apontados por 81.9% dos Agricultores familiares e por último a falta de apoio de família e amigos.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Figura 5: Apresentação de factores que dificultam a transformação do AF em ER na categoria **"Processo"**



Fonte: Os Autores (2024)

No que diz respeito à capacidade dos entrevistados perceberem uma oportunidade de negócio, os entrevistados do grupo AF relataram estar atentos às oportunidades que lhes aparecem, mas não demonstraram muita disposição em segura-las. Este cenário pode estar associado pelo fado dos AF autoconfiança, isto é, quando os AF's se confiam e ou não no que vão fazer e ou não tem dúvidas de sua habilidade. A percepção de risco pode influenciar uma decisão, seja para o lado positivo ou negativo em segurar uma certa oportunidade. Alguns estudiosos analisaram a percepção de risco de indivíduos no contexto rural e observaram que alguns percebem mais a presença do risco e acabam perdendo oportunidades e outros não percebem o risco e acabam entrando em uma situação de risco (Simon *et al.,* 2000).

Outra questão importante referente ao processo de empreender que foi mencionada pelos agricultores e que segundo os entrevistados constitui um impedimento ao empreendedorismo rural é a falta de educação formal, que inibe sua capacidade de liderança, inovação e de aprendizagem. Relacionado a escolaridade dos entrevistados, foi constatado nesta pesquisa que maior parte dos agricultores familiares 62% possuem o nível primário tendo a maioria frequentado até a sétima classe. De acordo com Lima (2010) e Tomei e Souza (2014) indicam que a educação formal ser um círculo vicioso que precisa ser revertido: se por um lado, os jovens agricultores filhos de empreendedores que possuem condições recorrem às unidades de ensino disponíveis ao na cidade para estudar, por outro lado, os filhos do grupo AF, principalmente de idade mais avançada, ou por falta de condições, ou vontade, ou incentivos, permanecem no campo sem nenhum tipo de estudo, reproduzindo as mesmas limitações que seus pais.

Apesar dos entrevistados afirmarem a persistência, paciência e a procura de informação como sendo as principais estratégias para superar as barreiras enfrentadas, os resultados do presente estudo constatou que os mesmos não o fazem conforme apresentado na categoria "Indivíduo".



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

CONSIDERAÇÕES

Depois de uma leitura e análise sobre o trabalho foi possível chegar as seguintes conclusões: No que diz respeito a factores ligados ao indivíduo as principais barreiras encontradas foram: busca de informações, persistência, busca de Iniciativas/oportunidades, alta aversão ao risco e poder de persuasão. Portanto, é preciso priorizar o direccionamento de recursos para estes perfis, pois são um dos mais importantes mais empreendedores.

Para factores ligados ao ambiente foram apontadas como as principais barreiras que dificultam a transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor rural as seguintes: falta de treinamento em matérias de Negócio/Empreendedorismo Rural, Indisponibilidade Financeira, Falta de apoio do Governo e por último a baixa qualidade de estradas.

No caso da categoria “Processo” foram constatados como as principais barreiras que dificultam que o AF se transforme em ER as seguintes: Falta de segurança quando percebem uma oportunidade e falta de educação formal e por último a falta de apoio de família e amigos.

Apesar dos entrevistados afirmarem a persistência, paciência e a procura de informação como sendo as principais estratégias para superar as barreiras enfrentadas, os resultados do presente estudo constatou que os mesmos não o fazem conforme apresentado na categoria Indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Desenvolver os territórios fortalecendo o empreendedorismo de pequeno porte. 1° **Fórum Internacional Território, Desenvolvimento Rural e Democracia**. Relatório de Pesquisa. Brasil, 2003.

AZEVEDO, P. R.; COLOGNESE, S. A.; SHIKIDA, P. F. A. Agroindústrias familiares no Oeste do Paraná: um panorama preliminar. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, v. 2, n. 1, Lavras, 2000.

CARRILHO, João et al. **Qual o papel da agricultura familiar comercial no desenvolvimento rural e ruduço da pobreza em Moçambique**? 2003.

CAUMO, A. J.; STADUTO, J. A. R. Produção orgânica: uma alternativa na agricultura familiar. **Revista Capital Científico**, v. 12, n. 2, p. 85-91, abr./jun. 2014.

DA ROCHA, Denis Dayvison Soares et al. As competências empreendedoras no âmbito tecnológico como ativo estratégico da organização: um estudo baseado na teoria da vantagem de recursos. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 4, n. 3, p. 90-102, 2010.

DEVESSE, D. D. **Avaliação do nível da contribuição da agricultura familiar para a segurança alimentar no posto administrativo de Moamba sede no período (2010-2013)**. TCC (Graduação em Comunicação e Extensão Rural) – Universidade em Maputo, 2015.

DOS SANTOS, Valdemar Dias. Perfil comportamental e hábitos de mídias do produtor rural em uma cooperativa agrícola – estudo de caso. **REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**, v. 1, n. 2, p. e1218-e1218, 2021.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

ELLIS, V.; BOSWORTH, G. Supporting rural entrepreneurship in the UK microbrewery sector. **British Food Journal**, v. 117, n. 11, 2015.

FAUTH, E. M. **Agricultura familiar: força revigorada, indicadores econômicos FEE**. Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 25-34, 2006.

FERREIRA, J. S.; MARTINS, D. S. S.; OLIVEIRA, J. S.; ALVES, S. V.; NÓBREGA, A. L. Importância do Programa Sertão Empreendedor para a geração de renda na agricultura familiar. **Revista Verde**, v. 9, n. 5, p. 159-162, dez. 2014.

FILION, L. J. **From entrepreneurship to entreprenology**. HEC, The University of Montreal Business School, 1997.

GARTNER, W. B. A conceptual framework of describing the phenomenon of new venture creation. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 4, p. 696-707, 1985.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2017**. Brasil, 2017.

GODOY, M. M. **Persistência do tradicional: o processo de modernização da agroindústria canavieira do Brasil e a sobrevivência de formas produtivas não capitalistas**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2007.

HENRY, C.; McELWEE, G. Defining and conceptualising rural enterprise. In: **Contemporary Issues in Entrepreneurship Research** (Vol. 4), 2014.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. Tradução: Lene Belon Ribeiro. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

JAGODA, K.; LIN, X.; CALVERT, V.; TAO, S. Accountability of venture support agencies: do they really help? **Entrepreneurship Research Journal**, v. 6, n. 2, 2016.

JONE, A.; UAIENE, R. Efeito da produção de culturas de rendimento nos sistemas de produção: o caso de tabaco em Macanga. In: SITOE, A.; SANTOS, L. **O papel dos recursos naturais renováveis no desenvolvimento sustentável em Moçambique**. Moçambique, 2014.

KOTZKO, A. M. Empreendedorismo rural: A feira de produtores rurais como incentivo para inovação na agricultura familiar no município de Prudentópolis-PR. **XX ENGEMA**. ISSN: 2359-1048, 2018.

LEE, S. H.; PHAN, P. Initial thoughts on a model of rural entrepreneurship in developing countries. In: **World Entrepreneurship Forum**, 2008, USA. Anais eletrônicos.

LIMA, D. A. A. **Análise das barreiras que impactam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural**. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – [Instituição], 2010.

LOURENZANI, W. L. Capacitação gerencial de agricultores familiares: uma proposta metodológica de extensão rural. **Revista de Administração da UFLA**, Lavras, v. 8, n. 3, p. 45-60, 2006.

MANZATO, A. **Elaboração de questionários de pesquisa quantitativa**. UNESP. Departamento de Ciência de Computação e Estatística, 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2010.

MAE – MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO ESTATAL. **Perfil do distrito de Chiúre**, Província do Cabo Delgado. Maputo, 2005.

MINAG – MINISTÉRIO DE AGRICULTURA. **Plano estratégico para o desenvolvimento do setor agrário**. Maputo, Moçambique, 2010.

NORFOLK, S.; HANLON, J. Confrontos entre produtores, camponeses e investidores na Zambézia, norte de Moçambique, no contexto de pressões relativas ao lucro em investidores europeus. Documento preparado para apresentação na Conferência Anual do Banco Mundial sobre a Terra e Pobreza. **O Banco Mundial**, Washington DC, 2012.

OZGEN, E.; MINSKY, B. D. Opportunity recognition in rural entrepreneurship in developing countries. **International Journal of Entrepreneurship**: Annual, v. 11, 2007.

PEIXOTO, M. **A extensão privada e a privatização da extensão: uma análise da indústria de defensivos agrícolas**. Tese (Doutorado em Ciências) – [Instituição], Seropédica, RJ, 2009.

SAMPANHA, C. J.; FREI, V. A visão mundial Moçambique e seu papel na promoção da agricultura familiar e segurança alimentar no distrito de Muecate, Nampula-Moçambique. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 6, n. 11, 2017. ISSN 2317-8825.

SIMON, M.; HOUGHTON, S. M.; AQUINO, K. Cognitive biases, risk perception, and venture formation: how individuals decide to start companies. **Journal of Business Venturing**, v. 15, p. 113-134, 2000.

SITOE, T. A. **Agricultura familiar em Moçambique: estratégias de desenvolvimento rural**. Maputo, 2005.

TIBÉRIO, B. **Empreendedorismo rural e pobreza das regiões: uma análise exploratória**. Mestrado em Economia e Gestão da Inovação, 2016.

TOMEI, P. A.; SOUZA, D. A. A. L. A. Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Estratégia** – RIAE, v. 13, n. 3, 2014.